

Serra busca empréstimo de US\$ 600 milhões

Verba do BID será destinada ao treinamento de 300 mil atendentes de hospitais brasileiros

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON – Para o ministro da Saúde, José Serra, a missão mais importante da visita que iniciou ontem a Washington não são as consultas com a Food and Drug Administration (FDA), a agência de regulamentação da produção e comércio de alimentos, drogas e cosméticos dos Estados Unidos, que ele apontou na semana passada como um possível modelo para o Brasil, mas as negociações finais com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para a aprovação de um empréstimo de US\$ 600 milhões destinado ao treinamento em três anos de 300 mil dos 400 mil "atendentes" que trabalham nos 7 mil hospitais brasileiros.

"Hoje, os atendentes de hospitais não têm qualificação profissional para o trabalho que fazem", disse Serra. "Seu treinamento, que já começou a ser feito em pequena escala, terá um impacto positivo imediato na qualidade dos serviços de saúde no Brasil", explicou o ministro. O crédito do BID já vem sendo negociado há meses. Serra disse que pedirá que ele seja aprovado ainda em 1998 ao presidente do BID, Enrique Iglesias, com quem

se encontra hoje. "Nosso plano é iniciar o treinamento no início do ano que vem", afirmou. Segundo o ministro, o treinamento tem um custo relativamente pequeno, de US\$ 1.200 por pessoa, e será feito pelos sindicatos em convênios com escolas de enfermagem, medicina e os próprios hospitais onde os atendentes já trabalham.

Serra iniciou seus compromissos em Washington com uma franca e abrangente apresentação sobre os problemas da saúde pública no Brasil aos especialis-

tas da Organização Panamericana de Saúde (Opas), braço continental da Organização Mundial de Saúde (OMS). Animado, o ministro fez até piada com o que chamou de "a hipcondria dos brasileiros". Um dos temas ao qual voltou várias vezes na palestra foi o custo dos medicamentos e dos cuidados com a saú-

de no Brasil. "Para os planos de saúde privados, que atendem cerca de 45 milhões de brasileiros, ou cerca de 30% da população, é

às vezes mais barato pagar uma operação de ponte safena no exterior do que no Brasil", disse ele. Mas os custos que mais o preocupam, no momento, são os de produtos básicos, co-

CRÉDITO VEM
SENDO
NEGOCIADO
HÁ MESES

mo o de inseticidas e alguns equipamentos médicos usados em exames de rotina.

Nessa área, o ministro afirmou que o governo brasileiro apoiará iniciativa da Opas para ampliar para esses produtos a experiência positiva que a entidade já tem na aquisição de vacinas para os países da região, por meio de um fundo rotatório. A partir de uma concorrência internacional, a Opas compra as vacinas em nome dos governos, em grandes quantidades, e obtém descontos de mais de 60% em relação ao preço que alguns dos países pagariam se adquirissem o produto individualmente. O custo do repasse aos governos representa um adicional de apenas 3%. "A Opas já começou a fazer o mesmo com inseticidas e outros insumos básicos", disse Serra. "As multinacionais não gostam muito disso, mas nós vamos trabalhar agora para criar para a compra desses produtos o mesmo tipo de fundo rotatório que já funciona para as vacinas."

Em relação ao Banco Mundial, que também visitará hoje, Serra disse que não pedirá dinheiro, mas estudos sobre custos. "O Banco Mundial faz bons estudos sobre os aspectos macroeconômicos da saúde e preocupa-se em analisar até que ponto os sistemas nacionais de saúde seguem o mercado, mas dedica pouca atenção ao problema de custos", disse ele. "No Brasil, por exemplo, vamos gastar este ano US\$ 1 bilhão em hemodiálise e tratamento de aids."